

Dalva, Fátima, Geralda, Regina e tantas outras... O feminino cotidiano das moradoras de samambaia - *uma cidade-satélite do DF*.

**Iracilda Pimentel Carvalho*

Um histórico da criação e fisionomia que tomou Samambaia faz-se necessário, em sua condição de cidade-satélite, como esta denominação o indica, relacionando-se diretamente ao planejamento e realização da cidade de Brasília, gravitando em sua órbita.

Localizada num terreno plano, com o horizonte característico do Planalto Central, emergiu como por encanto em uma área de 4 mil e 400 hectares e já abriga mais de 400 mil pessoas. Sua história, porém, começa no surgimento de Brasília, quando o presidente Juscelino Kubitschek desapropriou este terreno, já pensando numa possível expansão da capital do País.

Surgindo de um verdadeiro canteiro de obras, onde a poeira vermelha levantada pelas máquinas, caminhões ou mesmo pelo vento forte, faz lembrar a saga da ocupação de Brasília na década de sessenta, carregando também um discurso mítico acerca de sua criação. No entanto, Samambaia, só passa a existir oficialmente a partir de 25 de outubro de 1989, na gestão do então governador Joaquim Roriz, para abrigar uma grande parcela da população que vivia em invasões e favelas.

Diferentemente do início da construção de Brasília, onde havia uma predominância da população masculina, Samambaia apresenta-se com características específicas: a) o grande número de liderança comunitária, 103 Associações registradas e b) uma presença acentuada de líderes do sexo feminino, pois 80% das lideranças comunitárias são exercidas por mulheres.

Busco detectar as representações sociais que ordenam e modelam o cotidiano das moradoras desta cidade, observando como essas representações direcionam a interpretação da realidade do dia a dia, com suas estratégias de sobrevivência e convivência. O universo trabalhado constou de cinco entrevistas com as presidentes de Associações de Moradores, escolhidas aleatoriamente dentre as 103 existentes, segundo critérios de praticidade: Associação da Ação Social de Samambaia, (presidente: Maria de Fátima Miranda) Associação União de Samambaia, (presidente: Regina Célia Magalhães); Associação da mulher da quadra

*Doutoranda em História

103, (presidente: Dalva Maria de Lima); Associação do Movimento das Mulheres Atuantes de Samambaia (presidente Geralda Rodrigues).

Em uma sociedade marcada pela desigualdade e pela exclusão, que se aprofunda na relação entre os gêneros, a mulher em Samambaia assume uma nova dimensão: os lotes são registrados em seu nome, e nas Associações elas são elementos majoritários de reivindicação e participação. Até que ponto isso representará uma modificação na concepção tradicional da mulher passiva e conservadora?

Se em Brasília as mulheres não participaram do apelo ao mutirão cívico, em Samambaia aparecem como condutoras, organizadoras da prática sócio-comunitária.

Assim, em um cotidiano de luta e mobilização, surgem novos atores, sujeitos-suporte de discursos, cujas matrizes reivindicatórias e denunciativas apontam para um redimensionamento do espaço urbano e prometem uma nova imagem de mulher no âmbito da esfera pública.

Explicando a participação da mulher em Samambaia a líder comunitária Regina Célia Monteiro nos diz:

“A mulher tem mais garra, tem mais vontade de trabalhar que os homens”.

Já para a presidente da Associação da Mulher da quadra 103, Dalva Maria de Lima, a maior participação da mulher deve-se à sua força:

"As mulheres trabalham mais, cobram mais, são mais ativas, vão mais atrás, os homens são palermas".

Para Geralda Rodrigues, Presidente do Movimento das Mulheres Atuantes de Samambaia, em qualquer movimento de reivindicação o número de mulheres é bem maior,

"Grande parte das mulheres de Samambaia é muito politizada, sabe reivindicar, sabe o que quer, não tem medo de falar e fala de cabeça erguida, são mulheres atuantes e lutadoras”.

Já para a presidente da Associação de Ação Social de Samambaia, Fátima Miranda, a participação da mulher deve-se a uma nova consciência que ela adquiriu com a sua própria vida de luta, elas relembram as dificuldades encontradas no início do assentamento:

"Sem água, luz, nem chafariz tinha, a água vinha do caminhão pipa, sem escola, transporte, só a poeira imensa, os lotes foram limpos pelos próprios moradores, recebemos cheio de mato e pedras. Sentíamos que precisávamos nos organizar".
(Fátima)

Apesar de não estarem integradas às instituições do poder, promoveram sua organização e suas relações próprias de convívio comunitário. As lideranças comunitárias em Samambaia são eleitas por quatro anos pelos moradores das quadras que representam, com exceção de Geralda; líder do Movimento das Mulheres Atuantes de Samambaia, segundo ela própria, não foi eleita por quadra e sim por sexo:

"Foi mulher vota, independentemente da quadra que mora”.

As mulheres de Samambaia lutam, talvez, contra "moinhos de vento"; entretanto esculpem um perfil especial para esta cidade, na medida em que reivindicam, constroem, atuam, congregam, denunciam, conquistam, abrem caminhos e espaços para a própria mulher enquanto gênero e enquanto elemento participante/ transformador da sociedade.

Todas as falas das líderes entrevistadas explicitam uma certeza de mudanças em suas vidas, e quanto a Samambaia, acreditam que sem a participação das lideranças, a cidade não teria conquistado

tantas coisas, apesar de muito precisar ainda, consideram sua atuação importante, defendendo o bem da comunidade. As imagens de si, enquanto mulheres -gênero- e enquanto líderes é extremamente positiva, na medida em que valorizam não apenas sua atuação, mas seu próprio ser social, demarcado no confronto com o masculino. Esta representação difere, portanto, de imagens presentes no imaginário social, da mulher fútil, submissa, acanhada, reservando-se o espaço privado para sua atuação. Política e reivindicação não aparecem como “negócio de homem”.

Para Elizabeth Lobo, é o momento das rupturas teóricas, para as quais os movimentos de mulheres, as novas práticas sociais, e o desenvolvimento de reflexões feministas contribuíram. (Lobo, 1991:107).

Esses movimentos sociais de acordo com Eder Sader, criam novos espaços políticos, uma vez que conduz a novas relações com o espaço público,

"Ao observarmos os movimentos sociais que dão uma nova configuração social aos trabalhadores no cenário público na segunda metade dos anos 70, nós nos damos conta da existência de novos significados atribuídos às suas condições de vida, e esses novos sentidos nem se desprendem naturalmente do cotidiano popular e nem decorrem dos discursos previamente instituídos sobre os trabalhadores. Eles constituem reelaborações filtradas em novas matrizes discursivas - quer dizer: novos lugares, onde se constituem diversamente os atores, estabelecem novas relações entre si e com o meio e, portanto, abordam diversamente a realidade". (Sader, 1988:143)

Não nos interessamos em definir movimentos sociais; observamos, porém, que as mulheres líderes de Associações constroem e ocupam, assim como indica Sader, novas posições de sujeito no discurso e no cenário social e criam imagens de gênero que trabalham no sentido da reelaboração do feixe de relações sociais. Ou seja, sua atuação não só tem como efeito a remodelagem do espaço físico da cidade, com o atendimento de suas reivindicações, mas estabelece no imaginário social uma representação nova, ampla e positiva da mulher no espaço social. Assim, através dessas lideranças, o espaço urbano é remodelado e organizado, tentando-se inclusive uma educação para o convívio social, no sentido da preservação dos bens comunitários.

Em Samambaia, as lideranças incorporam às suas práticas uma consciência de grupo social com reivindicações específicas, embora a forte imagem do governo Roriz influencie, entre outras coisas, as formas de luta e resistência desse grupo, exercendo um controle indireto na organização das associações, através da cooptação das lideranças, que em muitos casos foram engajadas na administração.

De um modo geral, quando as líderes entrevistadas falaram do governo Roriz, foi para elogiar:

"A população de Samambaia deve tudo a Roriz, quando ele chega aqui é uma festa". (Geralda)

"Roriz atende a gente com muito carinho, atende até na casa dele e a esposa dele é muito atenciosa. O povo aqui é muito Roriz, se ele se candidatar ele ganha novamente". (Dalva)

*"Nós criamos uma intimidade tão grande com o governador, para nós ele é um ídolo, nós gostamos tanto dele, ele vai fazer muita falta nas nossas vidas, quando ele encontra a gente ele abre os braços para nós, esteja onde estiver".
(Fátima)*

*"O governador Roriz sempre dá aquele aval aos habitantes de Samambaia".
(Regina)*

As relações de poder são assim mediadas por uma imagem cultivada pelo personagem político, criando um clima de paz e entendimento em questões espinhosas de infra-estrutura, que envolvem grandes investimentos econômicos. A emoção, o carinho, a afetividade, a gratidão, a intimidade perpassam os depoimentos das entrevistadas, confundindo a figura institucional com a imagem do **ídolo**, como sublinha Fátima.

Quando se trata de avaliar as condições de vida em Samambaia, ainda extremamente precárias em termos de moradia, escolas, emprego e principalmente quanto à violência, que é muito acentuada, as críticas das lideranças comunitárias recaem sobre a situação do país como um todo, sobre o governo federal e principalmente sobre o poder local: o administrador da cidade e a polícia.

"Não temos acesso ao administrador é mais fácil falar com o Roriz". (Fátima)

"Tenho mais facilidade com outros órgãos do que com o administrador, o deputado Osório Adriano é que me ajuda muito".(Regina)

"Temos dificuldade de trabalhar porque não temos acesso ao administrador. O administrador tem que ser um homem de comunidade e esse não é." (Dalva)

Quanto à violência que grassa na cidade, as líderes comunitárias indicam que:

"A violência aqui é uma coisa fora de série principalmente com as mulheres, elas sofrem muito apanham dos maridos, são estupradas. Elas não vão à delegacia porque elas não têm segurança. Ela dá parte do marido quando chega apanha mais ou morre. A gente cobrou e o governador deu uma sala na delegacia e colocou uma delegada mulher para resolver os problemas das mulheres, mas ela é uma molóide não resolve nada, ninguém procura mais. A delegacia da mulher está no lugar errado lá no Plano, a mulher rica não apanha, ela só é agredida. A mulher pobre é que leva cacete". (Dalva)

"Muitas mulheres sofrem violência dos companheiros que às vezes querem colocar pra fora do lote, para vender o lote, quer obrigar por todos os meios a vender seu lote, pois você sabe que o lote é no nome das mulheres. São homens viciados a morar em invasão, não tem consciência que vai ter uma vida melhor, já acostudou com a miséria. Aqui também tem muito estupro e muita droga, o efetivo policial pouco para uma cidade do tamanho de Samambaia, os moradores do lago que tem alarme, portão eletrônico, vigia, tem sua segurança particular, pode pagar, tem um efetivo maior, nós aqui temos poucos policiais e sem equipamentos". (Fátima)

"Os homens matam as mulheres para vender o lote. O negócio é feio. A pressão é tanta que a pessoa cede, eles vendem o lote e vão pra debaixo da ponte. A polícia é pouca e a lei é esquisita, prende e solta logo e a gente fica com medo até de denunciar. A delegada mulher sem competência, não ataca nada, essa Vera não tem peito para Samambaia".(Regina)

"Os homens passam o dia inteiro num boteco, enchendo a cara, jogando dominó e quer descontar nas mulheres que passam o dia trabalhando, batem nelas, quando elas denunciam já apanharam muito e não agüentam mais, a mulher não vende o lote dela por vender ela é ameaçada, coitada. Aqui tem um posto da delegacia da mulher, mas a delegada é ineficiente, ela não tem diálogo com as mulheres, estamos cobrando do governador uma delegacia só de mulher".(Geralda)

Samambaia vive sob a sombra ameaçadora da violência e do poder: se a miséria, a fome, o desemprego são violências sociais que se abatem indiferentemente sobre todos, homens e mulheres, numa forma exacerbada de poder que amputa a dignidade humana, outros poderes se fazem presentes no relacionamento social, como bem explicita Foucault, fazendo-se evidente nos fragmentos discursivos das líderes comunitárias. Foucault salienta que o poder não se possui como uma coisa ou um objeto, mas existe nas práticas sociais, disseminadas no tecido social e contra as quais a repressão não é a forma mais eficiente ou mais utilizada (Foucault, 1983:15).

Assim, a violência que aparece no discurso destas mulheres, é a violência cotidiana, a violência que se traduz na relação entre os gêneros, do poder social que exerce o homem sobre a mulher, institucionalizado implicitamente; este poder se alicerça num imaginário de supremacia masculina e que aceita e interina a violência como forma de controle das mulheres. Já diz um ditado: "Se bater em sua mulher e não souber porque, ela sabe", ou seja, a mulher é intrinsecamente culpada de algo, por natureza, desde Eva..

Jean Delumeau traça o trajeto de uma imagem da mulher que, aos poucos, foi se implantando no Ocidente, sob a égide da Igreja, a partir da própria Bíblia e da Patrística: seus predicadores, confessores, conjugam esforços com médicos, juristas, e traçam a imagem de ser um pouco débil, muito frágil intelectual e fisicamente e, sobretudo, tendo estreitas ligações com o mal, razão pela qual necessita ser domesticada e submetida: para ajudá-la a conter seus impulsos.(Delumeau, 1978:10) Explorar mais este tema fugiria a nossos objetivos; entretanto, sinaliza-se assim a presença, no imaginário social, de uma figura de mulher que permite, implicitamente, a violência conjugal, em todas as classes sociais.

Esta situação, para as líderes entrevistadas, é apenas um caso de polícia: seus argumentos não parecem colocar em causa este tipo de relacionamento, ou seja, surge como **natural**, e a estratégia para contornar este estado de coisas é o apelo às instâncias repressoras da sociedade. Entretanto, a

convivência social entre os agentes institucionais e os agressores é claramente percebida, em nível de legislação, **lei esquisita**, e na medida em que se reivindica uma delegacia composta só de mulheres. Assim, o medo acompanha a impunidade e a providência do Estado, entregando os lotes em nome das mulheres resulta sem efeito em numerosos casos, pela prática social. A violência sexual, incesto, estupro é prática comum, segundo estas líderes e a impunidade é a mesma, mesmo quando a revolta leva à denúncia e à prisão e poucas horas ou dias podendo apenas ser reprimido. Atribuem a violência para forçar a venda do lote apenas a uma falta de consciência da possibilidade de uma vida melhor, mas percebem claramente que não existe divisão de trabalho: se o ócio pode ser resultado de um desemprego crônico para os homens, não justifica uma violência também crônica.

É interessante observar a distinção feita entre **agredir e apanhar**, ou seja, mulher rica **só** é agredida e a discussão gira em torno da intensidade da violência, e não do fato em si, que evidencia uma relação desequilibrada entre os gêneros, incorporada, portanto, sem questionamento, ao imaginário destas mulheres.

A disciplina, no sentido da produção de normas e modelos de conduta, e a produção de saberes são funções de poder tanto a nível macro quanto micro, amplamente utilizadas, altamente eficazes e intimamente relacionadas: poder gera saber que por sua vez gera mais poder. Neste sentido, a criação de imagens, a nosso ver, gerencia poderes, gera saberes que ordenam o relacionamento e as práticas sociais.

Para Roger Chartier, as percepções do social não constituem um discurso neutro, pelo contrário:

"Produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por eles menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas". (Chartier, 1987:17)

A conscientização de que partilham um mesmo gênero de opressão cria nas lideranças comunitárias uma intensa prática reivindicatória junto às instituições seguindo, entretanto, caminhos que passam pela amizade e pelo sentimento, não pelo direito de cidadania: se, de acordo com Geralda, presidente da Associação das Mulheres Atuantes de Samambaia e membro do Conselho da Mulher, as mulheres já têm assistência jurídica, pois o Conselho tem convênio assinado com a OAB e os advogados prestam assistência gratuita às mulheres, na área de saúde a situação é precária com apenas um posto de saúde que não supre as necessidades da comunidade, mas *"como nós temos amigos dentro da Secretaria de Saúde é mais fácil encaminhar essas mulheres para fazer tratamento que precisam de urgência"*.

Vemos, deste modo, que apesar da consciência dos direitos de cidadania, muitas das relações entre os líderes e agentes institucionalizados continuam permeadas pela troca de favores e pelo assistencialismo como pode-se observar na própria fala da líder Regina com relação ao deputado

Osório Adriano - *"Osório Adriano me ajuda muito arranhou emprego pra duas mulheres e me deu madeira pra construção da minha creche"* -.

A luta pela cidadania se expressa também, como uma conquista de espaço político, o que para Eunice Trein, (1987:118) seria uma forma de quebrar mecanismo de exclusão:

"Eu já ganhei o lote do governador para construir o centro comunitário, mas falta dinheiro, o meu desejo é ter o meu centro onde eu possa reunir as mulheres para ensinar a tricotar, fazer sabão e costurar e um lugar onde elas possam se reunir, porque por enquanto está sendo na minha casa". (Dalva)

"O meu sonho é ter o meu centro comunitário, onde eu possa fundar uma cooperativa, para gerar empregos para as mulheres, é assim: elas vêm e passam o dia todo aqui, elas podem trazer os filhos pequenos, pois ao lado da cooperativa quero fazer uma creche onde as próprias mães vão cuidar dos seus filhos e trabalhar na cooperativa, já ganhei as máquinas de costura e tricô, só falta ter dinheiro para construir o centro". (Geralda)

"Eu quero construir meu centro comunitário para que eu possa fazer uma clínica comunitária, eu quero trabalhar na área de saúde preventiva, onde as mulheres tenham atendimento ginecológico, odontológico e pediátrico para seus filhos. O meu sonho também é formar um grupo de terapia onde a mulher possa falar suas tristezas suas angústias, porque a rica pode pagar um analista e a pobre coitada não tem nada disso". (Fátima)

"Eu tenho meu centro comunitário onde funciona uma creche para 72 crianças, e tem também aula de ginástica e caratê para os jovens, eu preciso mesmo é de uma verba para manter esse centro pois ele vive só de doações, eu quero colocar também um curso de cabeleireiro, preciso também de iluminação perto do centro comunitário, mas o administrador prefere iluminar as quadras de esporte porque dá mais ibope". (Regina)

Suas estratégias compreendem, portanto, uma perspectiva de promoção social e políticas das mulheres, tentando abrir-lhes espaços de encontro, aprendizado, discussão, troca, numa tentativa de criar redes de socialização, de apoio mútuo. O medo e a angústia diminuem, a consciência de uma identidade e de direitos sociais e civis se desenvolvem em Centros Comunitários como estes planejados pelas líderes entrevistadas, como já foi amplamente demonstrado pelos movimentos feministas, em diferentes países. As representações, entretanto, da imagem e do papel social da mulher, ordenam estas estratégias, dirigindo-as para os caminhos mais tradicionais de atuação do feminino, em torno de tarefas ligadas a espaço privado e à família, ou seja, trabalham dentro de suas condições de possibilidade- individuais e coletivas.

As líderes comunitárias são os sujeitos-suportes de discursos que exprimem, portanto, situações-limite vividas pela comunidade em geral, retirando da zona de obscuridade e do silêncio político-social a opressão e a violência específicas experimentadas pelas mulheres, numa ação de interação e solidariedade constitutiva da existência cotidiana, articulando o privado, o social e o político. São as mulheres incorporando-se ao imaginário social como sujeitos de luta e resistência são as mulheres presentes, como explicita Michèle Perrot:

"Elas estão presentes aqui e além. Elas se afirmam, por outras palavras, outros gestos. Na cidade ou mesmo na fábrica possuem outras práticas cotidianas, formas concretas de resistência que desmontam a racionalidade do poder e que têm raízes no tempo e do espaço que lhes são próprios". (Perrot,

uso do
1982:212)

Samambaia afirma-se na fala dessas líderes, como a terra sonhada em suas várias modulações:

"Samambaia é muito nova e ela vai ser um exemplo de cidade, é só esperar pra ver".(Geralda)

"Nós estávamos sem referência, o fato de possuir um endereço fixo, nos dá essa referência, é por isso que eu amo essa cidade mesmo com todos problemas". (Fatima)

"Estou desiludida com Samambaia por causa da violência, mas gosto de morar aqui e meu sonho são ver toda bonita, asfaltada com mercado, com hospital e com emprego pra todo mundo, principalmente para os jovens". (Dalva)

*"Eu acredito que Samambaia ainda vai se tornar uma cidade-modelo, é só a gente ter paciência. Eu gosto de morar aqui e acredito que Samambaia tem futuro".
(Regina)*

Samambaia torna-se, assim, o lugar ideal para se habitar, dada as representações com as quais é moldada. Mas, apesar da posse da casa representar um lugar seguro e uma identidade para essas mulheres, um outro nível de realidade revela um olhar diferente, uma imagem soturna da cidade, também apontada nos discursos das lideranças comunitárias. Entretanto, todas falam de um sonho, de uma cidade perfeita, onde reinaria tranquilidade e prosperidade para todos, e onde, como nos contos de fada, "viveriam felizes para sempre". **Esperança, futuro, sonho, modelo, exemplo**, palavras-chave que esboçam o perfil da cidade-mítica, da utopia urbana, reproduzindo, de certa forma, a imagem mítica de Brasília. Samambaia, cidade criadora de identidade, cidade-referência, que nos lembra Mafessoli:

"A cidade de todos os dias é aquela onde nossos afetos se enraízam, onde se vive na imperfeição, mesmo e sobretudo quando evoca imaginariamente, uma figura mítica onde se realiza a harmonia plural." (Mafessoli,58)

Bibliografia:

- Elizabeth Souza Lobo. **A classe operária tem dois sexos**, São Paulo, Brasiliense, 1991, p.107.
- Eder Sader. **Quando Novos Personagens Entram em Cena**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, p.143.
- Michel Foucault. **Microfísica do Poder**, Rio de Janeiro, Graal, 1983, cap. XV.
- Jean Delumeau. **La peur en Occident, XVe-XVIIIe siècles**, Paris, Fayard, 1978. cap.10
- Roger Chartier. **A História Cultural entre Práticas e Representações**, Lisboa, Difel, 1987, p.17.
- Eunice Trein. **Educação popular e cidadania**, Rio de Janeiro, Revista Tempo Brasileiro, V. I 1987.
- Michèle Perrot. **Os Excluídos da História: operários mulheres e prisioneiros**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, p.212.